

MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES: OS SENTIDOS DO POPULAR

Clóvis Teixeira Filho

clovistf@usp.br

Doutorando em Ciências da Comunicação na
Universidade de São Paulo e professor do
Centro Universitário Internacional (Uninter)

DOI: 10.21882/ruc.v8i15.848

Recebido em: 30/10/2020

Aceito em: 30/10/2020

151

Entrevista com Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Quando não conseguimos dissociar um campo da trajetória de determinados autores, provavelmente temos uma história interessante para registrar. Este é o caso de Maria Immacolata Vassallo de Lopes que, de forma entusiástica, concedeu esta entrevista. Professora titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Maria Immacolata acompanha a institucionalização da área por dirigir uma das mais importantes revistas científicas em Comunicação e participar ativamente dos eventos nacionais e internacionais. Mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela mesma instituição, suas contribuições dividem-se entre a epistemologia, a metodologia e a telenovela.

Nesta entrevista, a autora faz um breve percurso a partir de sua formação e suas vivências, passando pelos temas relacionados à pesquisa em Comunicação e finaliza com os estudos sobre telenovela. Ainda que o roteiro pareça conhecido para quem acompanha a sua obra, emergem temas transversais como a tecnicidade, as mudanças do consumo midiático e da recepção e até sugestões para futuras pesquisas. Um relato propositivo e instigante aos pesquisadores da Comunicação.

RUC: A sua trajetória está relacionada ao desenvolvimento da pesquisa em Comunicação e também ao da Universidade de São Paulo. No seu mestrado, estudou a recepção de programas do rádio popular e, no doutorado, a pesquisa em Comunicação. Como a sua formação em Ciências Sociais influenciou esses estudos e quais os desafios que pode destacar para constituir o objeto científico e empírico na Comunicação?

Maria Immacolata Vassallo de Lopes: Em primeiro lugar, eu queria dizer que me considero uma pesquisadora “uspiana”. Porque toda a minha formação foi na Universidade de São Paulo. Eu fiz Ciências Sociais e depois descobri a Comunicação. Isso já era, para mim, uma marca do que iria fazer: a questão da interdisciplinaridade, ou da transdisciplinaridade. Já venho com essa questão de vários olhares. Várias abordagens que um objeto pode ter e até exigir. Nas Ciências Sociais estava muito interessada na comunicação. Eu escolhi a sociologia na época, mas era a chamada de sociologia dura, de Florestan Fernandes, realmente para ter uma base de pesquisa, além de docência. Fui aluna dele, Octavio Ianni e Gabriel Cohn. Gabriel me ajudou muito, pois ministrava a disciplina de Sociologia da Comunicação. Começamos a falar sobre o fenômeno da comunicação de massa

na sociedade e a grande coletânea dele é, até hoje, um clássico. As fundações do pensamento da comunicação e indústria cultural estão na obra dele. Foi um sociólogo que olhou a comunicação não como uma variável dependente, mas o que estava na sua base, como a contribuição de Lazarsfeld também sugere. Mas, voltando a Florestan, a questão era que eu queria muito trabalhar com planejamento, seguindo Celso Furtado. Trabalhar em secretarias de planejamento para ter outro país. Isso era muito presente naquela época com a CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina) e a SUDENE (Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste). Mas acontece que eu não podia parar e já havia me identificado com a comunicação, então aterrisei na ECA (Escola de Comunicações e Artes). Fui muito bem recebida pela professora Nelly de Camargo, orientadora do mestrado, para a qual eu já havia colocado a questão do popular na pesquisa. Naquela época, tínhamos que apresentar quase um memorial do que havia feito e o que poderia fazer. Na década de 1970 era muito comum a figura do Professor Colaborador na Universidade de São Paulo. Mas o colaborador que trabalhava sem receber nada, esperando abrir um concurso. Enquanto isso, eu trabalhei muito em faculdades particulares, das quais também trago lembranças positivas e o aprendizado da docência na graduação, mesmo no contexto da ditadura. O popular estava em mim pela condição de imigrante. Nasci na Itália e ter feito esse deslocamento cultural dá uma riqueza; novas visões. As pessoas saíam de lá nos anos 1960 por falta de condições. Eu venho de classe popular, essas são minhas raízes. A minha pequena cidade era rural-urbana, não era como a cidade grande que São Paulo sempre foi. Morei no bairro da Bela Vista, em São Paulo, para depois, como todos, dispersar pela cidade. Então essa questão do popular está em mim até hoje. As primeiras referências que alguém vê no meu trabalho são essas raízes. Primeiro, Antônio Gramsci, depois passo — sem dúvida — por Octavio Ianni e Ruth Cardoso, que fez com que eu trabalhasse com o rádio e não com a

televisão, minha primeira opção. Na época também, não havia metodologia como hoje para o audiovisual. As pesquisas na década de 1970 e 1980 eram sobre roteiros escritos em detrimento da análise da imagem. Tinha essa dificuldade de abordar o objeto audiovisual. Na pesquisa de mestrado — Rádio dos Pobres — os meus casos eram os apresentadores Zé Bettio, Gil Gomes e Silvio Santos. Tive o envolvimento até de estudantes da graduação, que não ouviam os programas às 4h da manhã e se apaixonaram. Os três apresentadores estavam na Rádio Record falando de crimes, horóscopo e chamando as pessoas para cantar, o que não era a realidade trabalhada na maioria das pesquisas. Eu gostei muito de ter feito esse trabalho, gostei mesmo! Tenho que agradecer à minha orientadora também, pois era uma proposta muito nova e diferente do que ela pesquisava, que era a televisão educativa. No doutorado eu queria continuar com o popular, mas descobri a metodologia. A partir da dissertação, eu dei muita atenção ao referencial metodológico e nisso as Ciências Sociais me ajudaram com vários métodos e técnicas de pesquisa. O professor Ianni também foi um grande incentivador da minha formação e direcionamento para a metodologia, tanto que escreveu o prefácio de Pesquisa em Comunicação, livro derivado da minha tese. A ideia inicial era analisar pesquisas sobre o tema popular por meio da desconstrução metódica. Mas no fim, fiquei com epistemologia e metodologia na comunicação, a formulação de um modelo metodológico, que era o subtítulo inicial do livro. Devo muito à professora Sarah Chucid da Viá, que foi a minha orientadora do doutorado. Ela também era de Ciências Sociais, mas estava nas Relações Públicas e dava aula de metodologia quantitativa. Mesmo sabendo da minha proposta, aceitou a pesquisa.

Hoje, o livro derivado do seu doutorado é utilizado como referência nos principais programas de pós-graduação em Comunicação.

Sim. Eu gostaria muito de fazer um segundo livro, sabe? Como tenho esses dois lados, o da epistemologia e metodologia e o outro da telenovela, a questão da pesquisa de recepção na América Latina é muito forte. Tenho escrito alguns artigos nesse sentido, mas eu queria fazer um livro. Para isso, preciso de tempo. Teria que parar com os outros projetos e me dedicar só a isso. Não estou conseguindo agora. Não sei se vou conseguir.

Uma hora essa proposta irá sair, professora. Até porque, lendo seus memoriais, parecem recorrentes as experiências transformadoras que compuseram o seu trabalho. A faculdade de Ciências Sociais em plena ditadura, o empreendedorismo praticado antes da dedicação exclusiva à USP, a discussão de paradigmas teóricos diversos na sua formação são alguns exemplos. Em um dos trechos do memorial de livre-docência, há o seguinte destaque: “hoje, sou vista como uma latino-americana com um pé na (pós)modernidade, que trabalha de maneira interdisciplinar a comunicação”. Sua definição permanece a mesma? Gostaria de acrescentar algo?

Essa definição eu não só retomo, como enfatizo. Eu acho que sou, cada vez mais, latino-americana com um pé na pós-modernidade. Em que sentido na pós-modernidade? Bom, é estar aberta para o mundo. O que está acontecendo, o que vem sendo proposto em termos de bibliografias e pessoas que se destacam, no sentido que me instigam. Então, não vou ler Žižek porque ele está na moda, eu estou lendo e me aproprio de certas coisas que não são o autor como um todo. Eu realmente incorporo e você pode ver nas minhas bibliografias esse diálogo. O diálogo de norte-americanos com ingleses e até com alemães e italianos hoje. Além de espanhóis e portugueses, que estão mais próximos. Desde a minha formação gramsciana até os latino-americanos. Eu posso retomar Florestan, passando por Ianni, a ponte com Gabriel Cohn e a Ruth Cardoso; Jesús Martín-Barbero que se tornou

hegemônico. Não há pesquisador que não tenha sido tocado por ele ou por aquilo que colocou em suas obras. Posso dizer que foi ele quem me levou à telenovela, na eleição de um produto cultural da América Latina. Havia uma postura crítica quanto à política, educação e cultura, mas ninguém enxergava na televisão a telenovela, porque estava coberta por uma ideologia. Mas quem via a ideologia na televisão eram os nossos olhos. São os mesmos olhos que continuam pensando: agora na pandemia eu estou assistindo mais televisão, mas só os jornais me interessam; porque depois que passar, nunca mais vou assistir. Ou seja, parece uma espécie de castigo com o confinamento. Isso eu ouço de intelectuais. Não estou falando do homem comum, que — aliás — gosta mais de televisão do que os intelectuais, porque se identifica. Essa é uma das coisas que eu mais critico até hoje: o mal-estar do intelectual, não saber olhar. Como pesquisador você não pode olhar. É preciso observar, analisar o que está vendo. Então o que você falou se repete no cinema, mesmo que já tenhamos conteúdos mais populares. Mas ainda existe essa questão de quem é que vai trabalhar com a telenovela. Temos bons centros de pesquisa, bons pesquisadores e eles estudam ficção televisiva.

Pode-se dizer que seguiu também os conselhos de Bourdieu, sujando as mãos no empirismo, pensando a micro e a macro-estrutura?

Olha, você fala de uma coisa muito importante. Descobri Bourdieu antes de Jesús Martín-Barbero. No tempo em que estava fazendo mestrado, dois livros que usavam o autor me chamaram a atenção e minha pesquisa foi toda nessa linha. O primeiro foi Noite da Madrinha, do Sérgio Miceli, a pesquisa sobre o programa de auditório da Hebe Camargo. Você pode imaginar o problema que o autor teve com esse objeto no curso de pós-graduação de Ciências Sociais. Mas ele usa Bourdieu e, para mim, Miceli traz o autor para o Brasil. Já Carlos Nelson Coutinho trata

Gramsci na América Latina. Tem esse movimento de utilizar um autor, levando para outro contexto, outras necessidades e outros objetos. Então é algo importantíssimo quando se fala Gramsci na América Latina e Bourdieu no Brasil. O outro livro é a coletânea dos estudos de Bourdieu, reunida por Renato Ortiz, da antiga editora Ática. Aquilo sempre foi tão maravilhoso, porque depois todos começaram a organizar coletâneas do autor, no mundo inteiro. Bourdieu foi muito produtivo. Mas aquela introdução em que Renato Ortiz analisa Bourdieu é algo muito rico, que me ajudou demais. Outro dia, ele estava falando sobre o mercado de luxo como um campo. Então nós levamos Bourdieu para onde vamos, não? São amigos, mestres e companheiros de jornada. Sigo com Bourdieu até hoje, falando do campo da comunicação. Nesses textos mais epistemológicos, já entro com Bourdieu direto, porque a questão das lutas dentro do campo é o ponto de partida. Caso contrário, você só vê o funcionalismo, certo? Apenas tradições no campo científico, sem lutas.

Atualmente, a senhora conta com vinte e dois projetos desenvolvidos pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), atua como diretora da revista MATRIZES, co-coordenadora geral do OBITEL (Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva), presidente da Assibercom (Associação Ibero-Americana de Comunicação) e também já foi presidente da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), citando apenas algumas de suas atuações. Qual o papel que as revistas científicas e as organizações voltadas à pesquisa têm em um momento de questionamento da ciência, ao mesmo tempo em que se vê uma ampliação das mediações comunicativas, das redes e da tecnicidade?

Muito boa a sua colocação. A gente deveria se preocupar com a institucionalização do

campo, tanto quanto com o pensamento comunicacional stricto sensu. O que você falou agora, sobre as mediações comunicativas: o que é comunicação? Qual o ponto de vista? Como se dá a interdisciplinaridade? Como a gente trabalha e o que a gente propõe? Estava dizendo que nos apropriamos de Bourdieu, Žižek, Flusser, que são filósofos, sociólogos, politicólogos. O que é isso que fazemos? Não é uma colcha de retalhos. Isso é a própria configuração do que é comunicação, esse fenômeno, esse processo, essa prática que está em tudo, desde que o homem nasce. Colocamos um processo que está na raiz, no fundamento do ser humano. Não é qualquer coisa. A comunicação não se desliga das outras instituições. As práticas dos profissionais de comunicação são importantes também. É o jornalista formado, não mais o advogado que escreve no jornal. O mesmo acontece com os outros ofícios da comunicação. Essa questão da profissionalização é outro elemento muito importante, porque a questão prática é muito forte na nossa área. Eu acho que essa prática profissional é uma das camadas da comunicação. É um corpo de camadas que não é qualquer área de conhecimento que tem. Então vamos entrar numa questão, que para mim é epistemológica: a história da comunicação no Brasil. Não é o Danúbio Azul do Kubrick, ainda que seja muito atraente. Mas eu falo da história dos estudos de comunicação. Para esses estudos serem reconhecidos, tanto dentro da área, como fora, ela precisa se institucionalizar. Foi o que aconteceu nos Estados Unidos, em uma sociedade de consumo, que avaliou os efeitos da comunicação e marcou o campo com um Departamento de Comunicação independente dentro das universidades. Adorno reconheceu que aprendeu quando esteve nesse país. Vinha de uma outra tradição de pesquisa, que era muito ensaio e pouco trabalho de campo. O que quero dizer é que precisamos de teoria em comunicação, tanto quanto de pesquisa empírica. A comunicação passa de uma área que não era percebida, para um campo reconhecido por todos. As fundações de amparo à pesquisa foram fundamentais para a repercussão do nosso campo na

Europa e nos Estados Unidos. CAPES, CNPq, FAPESP e todas as fundações de amparo à pesquisa são importantes e reúnem pareceristas da área. José Marques de Melo foi um dos primeiros batalhadores pelo campo, mas tivemos outras pessoas também como os professores Litto (Fredric Michael Litto), Sérgio Capparelli, Eduardo Peñuela, Wilson Gomes. Hoje, a área tem representação estruturada, com Edson Dalmonte na CAPES. É uma área que está funcionando, como a física, como a matemática. Mas precisamos notar que não somos do século XIX, quando essas outras ciências se constituíram. Nós somos uma ciência do século XX. Então, é o ponto que você estava perguntando: o reconhecimento. É necessário ter qualidade e, para isso, as revistas científicas são fundamentais. As revistas brasileiras passam por critérios rígidos de avaliação, como em poucos países no mundo. Digo isso porque conheço e tenho amigos ingleses, franceses, italianos que nunca viram um sistema de avaliação como esse. Ninguém gosta de ser avaliado, mas deve se reconhecer a importância da avaliação. Não há área de conhecimento que não tenha associações, que não tenha que se organizar em termos de reunir os pesquisadores. Portanto, desde os anos 1970, com a Intercom no Brasil, depois com a Compós, acontece essa institucionalização. O movimento natural é a especialização das associações, como a ABCiber para a Cibercultura; a Abrapcorp, nas Relações Públicas, a ABP2 de Publicidade. Temos também o OBITEL para a ficção televisiva, as associações de estudos de semiótica, entre outras. Esse é o caminho. Essa é a organização institucional de um campo científico.

Recentemente, propôs um olhar para a obra de Martín-Barbero como uma teoria barberiana da comunicação, com cruzamentos possíveis com a complexidade e com a metáfora rizomática. Aliando este artigo ao seu livro Pesquisa em Comunicação, como podemos conciliar os calafrios epistemológicos — análises que dão voz aos diferentes atores — sem esquecer

da vigilância epistemológica, isto é, sem incidir no relativismo ou no pensamento pré-concebido do pesquisador?

Uma questão muito boa. Eu vou dizer que é um processo. A Teoria da Comunicação de Martín-Barbero acaba se tornando central. A cada ano eu gosto de entrar em outras referências, outros autores. Pensando o modelo metodológico do meu livro, já no nível teórico você tem Martín-Barbero. Começa a ter fios que amarram o nível teórico ao epistemológico, ao metódico e ao técnico. Então, o calafrio, que você lembrou muito bem, é do plano epistemológico. Você tem que ter um calafrio! O autor conta que seus alunos e ele estavam vendo um filme, mas não era o mesmo que o resto do cinema via. Então eles riam de um dramalhão, enquanto os outros se emocionavam. Nessa situação, você percebe que nunca tinha olhado, nem percebido o que outros espectadores viram. Tem algo aí que merece ser discutido. Que olhares diferentes são esses? Que sentidos diferentes são esses, dados ao mesmo produto? Então o calafrio tem que acontecer lá no nível epistemológico. Jesús Martín-Barbero, com o episódio do cinema, começou a se questionar, a indagar o que devia pesquisar. A epistemologia cobra isto: que você reflita, que você faça a vigilância, que você entre em determinado tipo de pensamento, que se afaste do senso comum. Essa percepção do popular, que vem de muito preconceito, é reproduzida. Às vezes pensamos que é até natural, porque se reproduz permanentemente. Mas, como podemos evitar? Bem, mas isso é outra questão que você colocou muito bem: como fica o calafrio? O calafrio está lá e é para realmente romper. Você precisa romper com seu olhar passado, para você poder olhar com mais complexidade. Aí a proposta de Edgar Morin serve muito. Ela vai ajudar a ver e entender as partes de um todo.

A pesquisa em ficção televisiva atende ao chamado por objetos próprios da América Latina, especialmente do Brasil, em que essa produção se destaca. Este tem sido o

foco da sua pesquisa desde antes dos anos 2000. Quais pontos destacaria sobre a produção nacional durante esse período? Há uma transformação nas narrativas, discursos e interação com os consumidores de ficção seriada televisiva?

A descoberta foi antes dos anos 2000, você tem razão. Também foi na USP, onde a gente se reuniu em um grupo do Departamento de Comunicações e Artes, liderado pela professora Maria Aparecida Baccega. Eu fiquei responsável pela pesquisa de recepção de telenovela, que pode ser encontrada no livro *Vivendo com a Telenovela*. Nós fizemos muitas parcerias com outras faculdades, com a PUC-SP, por meio da professora Sílvia Borelli e com a UNESP e a professora Vera Rezende. Também fizemos parceria com as Artes Cênicas, envolvendo a questão dos atores, ou seja, um projeto muito interdisciplinar, sem dúvida alguma. Ninguém estudava telenovela na universidade. Tinha radionovela com dados do IBOPE, mas telenovela — como eu lembro — era uma análise do texto, do roteiro, de grandes autores dessas produções. Para mim, essa iniciativa foi a projeção de um grupo de pesquisa latino-americano para trabalhar a telenovela. Foi nossa resposta à convocação de Jesús Martín-Barbero aos intelectuais latino-americanos para estudar nosso principal produto cultural que se dá na televisão. Quando ele fala de matriz cultural, está falando do popular, que para o produto televisivo é o melodrama na América Latina. Entender por que gostamos de melodrama, por que gostamos de chorar e produzir essas narrativas é o sentido de pesquisar o popular. Ele, tanto quanto nós, sabe que no OBITEL — Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva — está uma das respostas ao chamamento que fez. O OBITEL é de 2005, com o primeiro encontro, o de sua fundação, na Colômbia, homenageando Martín-Barbero, na Universidade Javeriana. Esse estudo sistemático sobre ficção televisiva também incorporou as pesquisas de Isabel Ferin Cunha, em Portugal, e também estudos na Espanha com Charo Lacalle, atingindo amplitude. O

OBITEL surge com a proposta de monitoramento da produção anual da ficção televisiva, a criação dos anuários, que podem ser baixados hoje digitalmente (www.obitel.net). São 15 anos de pesquisa, que fornecem uma sequência histórica da ficção televisiva ibero-americana. O OBITEL Brasil veio depois, em 2007, e publica a Coleção Teledramaturgia. Realiza um projeto de pesquisa bienal com tema a ser explorado no período, por dez grupos de pesquisa brasileiros. Nilda Jacks, Veneza Ronsini, Yvana Fechine, João Carlos Massarolo, Ana Paula Goulart Ribeiro e outros autores trabalham nesse projeto. Nós temos dois grandes aliados nos projetos OBITEL. O primeiro é a Globo, por meio da Globo Universidade, que é nossa parceira para a editoração dos livros e os seminários para o lançamento dos livros. E também temos o IBOPE, que fornece graciosamente os dados de audiência. Esse material é lido por alunos, pesquisadores, mas também profissionais da área e para onde a novela vai, nós vamos atrás. Ela começa na televisão aberta, na Tupi, passou para a Manchete, também na Excelsior, chega na Globo para se tornar um paradigma. O que você falou de sermos reconhecidos tecnicamente pela qualidade e pelos temas cada vez mais realistas, é uma verdade. Você assistiu ontem à noite a série da Globo, *Sob Pressão - Plantão Covid?* É para se surpreender até onde a ficção brasileira chegou. Quase um documentário em muitas cenas, em que se reconhece o Brasil. Por isso a longevidade desse produto, porque ele consegue falar sobre o que a sociedade está passando, capta essa realidade. Os mexicanos são vidrados em “novela mexicana”, porque essa novela fala deles e para eles. Eles gostam da novela brasileira, mas ela não lhes fala igual. Outro fenômeno é que hoje temos muitas telas, a da TV aberta, fechada, streaming, que ampliam a complexidade. Neste ano de 2020, o Anuário OBITEL se chama *Melodrama em Tempo de Streaming*. E temos o problema da pandemia, que eu gostaria muito de estudar. Entender como a telenovela tem sido produ-

zida e apropriada neste momento, até no sentido de uma retomada com criatividade e inovação.

Gostaria de encerrar justamente com essa questão, reforçando o tempo e o espaço, com a influência da pandemia de Covid-19 no consumo midiático, na estética televisiva e na ficção seriada. Como a senhora tem acompanhado essa influência? Podemos pensar novas propostas que considerem a relevância da comunicação para um reenchaixe entre sujeito e sociedade?

A telenovela persiste porque ela é um produto da cultura brasileira. Alguns falam até patrimônio cultural. Ninguém discorda dessa influência e temos um passado, uma história. Não existe brasileiro que não sabe o que é a novela, mesmo não assistindo. Ele sabe o que está acontecendo, quais temas estão sendo tratados, porque ele se informa e outros meios trazem isso. Sem dúvida alguma, a crítica da telenovela andou muito em sites, colunas e blogs. Quando você compara a telenovela e a série, temos manifestações como: eu gosto de série, mas não gosto de telenovela. No entanto, estão cada vez mais parecidas. Eu digo que está havendo a serialização da telenovela e a novelização da série. Elas estão convivendo no mesmo tempo. Não significa que vamos tomar a série e adaptar para novela; não se trata disso. É a sua própria contemporaneidade que faz com que os formatos comecem a se misturar. É a hibridização, fazendo louvor a García Canclini, que neste ano está no Instituto de Estudos Avançados da USP. É a primeira vez em que um latino-americano está lá como catedrático, trabalhando com cultura da maneira dele: envolvendo algoritmos, jovens, mídias sociais, modernidade e arcaísmo. Então acho que há muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, com uma aceleração nunca vista, que a gente tem tudo à mão para realizar ótimas análises. Outro dia, assisti uma entrevista fantástica com Jacques Rancière, filósofo francês, falando sobre a sociedade de controle e como fica a

democracia e a cidadania, mediada por algoritmos. Então, estamos nessa condição também.

Novamente agradecemos a disponibilidade em conceder essa entrevista e gostaria de finalizar com uma pergunta histórica. Immacolata, “quem matou Odete Roitman?”

Veja como essa pergunta se torna interessante hoje. Agora, quem ainda não viu a novela Vale Tudo, da Globo, em 1988, tem a possibilidade de ver na plataforma de streaming da Globo, que é a Globoplay. As novelas antigas estão bombando! A Globo costuma reprisar novelas no programa Vale a Pena Ver de Novo, mas muito recentes. Agora resolveu exibir em sequência as novelas clássicas na Globoplay. Podemos chamar de clássicas porque são antigas e ficaram no imaginário, ficaram na lembrança das pessoas. Não é apenas por nostalgia que as pessoas estão vendo essas produções, mas também porque elas estão sendo vistas com outros olhos. Quem nunca viu, vai assistir e se maravilhar: nossa, mas isso é novela? Essas questões são importantes de serem analisadas e estão aparecendo no contexto em que estamos. Mas quero agradecer o convite para esta entrevista e eu costumo falar muito porque gosto do que faço, sabe? O pesquisador precisa gostar do seu objeto de pesquisa. A pesquisa deve ser também uma questão existencial, não apenas cumprir para obter um título, mesmo que necessário. São esses laços, com o lugar onde eu nasci, como eu vivi, as experiências pelas quais passei que eu trago para as reflexões que fiz nesta entrevista e onde encontro todos os nexos da professora de metodologia e da pesquisadora de telenovela que sou.

REFERÊNCIAS

LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação**: formulação de um modelo metodológico. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

LOPES, Maria Immacolata V. A teoria barberiana da comunicação. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-63, jan/abr. 2018. LOPES, Maria Immacolata V. Memorial de Livre-Docência. Universidade de São Paulo, Departamento de Comunicação e Artes, 1998. In: Projeto Memórias da ECA/USP: 50 anos. Disponível em : <<http://www2.eca.usp.br/memorias/memorial/Maria%20Immacolata%20Vassallo%20de%20Lopes>>. Acesso em: 03 out. 2020.

LOPES, Maria Immacolata V; BORELLI, Sílvia H. S.; RESENDE, Vera R. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MICELI, Sergio. **A noite da madrinha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005; Rio de Janeiro: Perspectiva, 1972.

ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).